Cadernos FIOCRUZ de Saúde Global e Diplomacia da Saúde 04/2026

18 a 31 de março de 2026

Sumário Executivo

O mundo continua em suspense com os possíveis desdobramentos da guerra dos EUA e Israel contra o Irã e com as já devastadoras consequências sobre a economia global. Mas não só. Os impactos sobre a saúde humana e planetária são também profundamente nocivos e continuam sendo amplamente documentados. Mortos, feridos e sequelados, com números assustadores sobre populações civis, de crianças, mulheres e idosos, implicam que estes Cadernos tenham que continuar tratando do tema desde o primeiro parágrafo do fascículo. Num mundo assolado por guerras, mortes, feridos, sequelados e territórios arrasados, não há como deixar de ter este tema dramático como foco central num Caderno quinzenal que trata da saúde global e da diplomacia da saúde (ler abaixo e em informes autorais neste fascículo).

Entretanto, também há boas notícias no cenário da saúde global e diplomacia da saúde. Uma delas vem do Brasil, e se refere à questão crítica dos insumos para a saúde, ferida deixada à mostra durante a pandemia de Covid-19, quando os países mais ricos do mundo se apropriaram da maior parte dos insumos necessários, deixando ao léu países em desenvolvimento quanto a vacinas, diagnósticos e outros recursos necessários para enfrentar a pandemia. Trata-se da ***Coalizão Global para a Produção Local e Regional, Inovação e Acesso Equitativo,*** estabelecida com a assinatura da Carta de Genebra, em 20 de maio de 2025, durante a 78ª Assembleia Mundial da Saúde. O objetivo é colocar em pauta questões emergentes e desafios interconectados: a concentração da capacidade de ciência, P&D e de produção nas áreas de ciências da vida, tecnologia e saúde, em um pequeno número de países; cadeias de suprimentos frágeis; assimetrias regulatórias; e integração limitada entre inovação, produção e acesso, particularmente em países de baixa e média renda.

A iniciativa surge do compromisso com a superação das iniquidades em saúde agravadas na pandemia de Covid-19, avançando com a proposta de um novo modelo de produção e acesso à inovação para tecnologias essenciais de saúde, como vacinas, terapias e diagnósticos para doenças negligenciadas e pessoas vivendo em condições de vulnerabilidade.

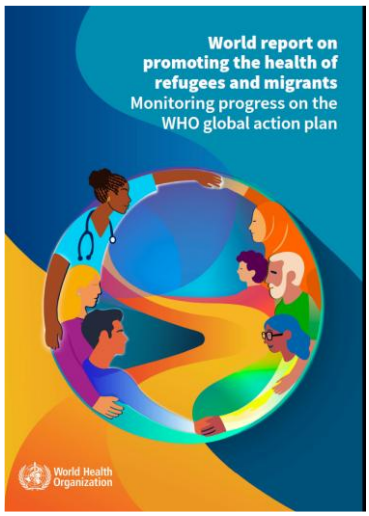
Em 24 de março, na Fiocruz, a Coalização lançou sua primeira chamada, voltada para o flagelo da **dengue,** conforme os leitores podem conhecer no artigo especial preparado pelo MS e Fiocruz, divulgado neste fascículo.

As guerras e os impactos socioeconômicos, ambientais e sobre a saúde humana

A **Organização Mundial da Saúde**, cumprindo seu indelegável papel da autoridade sanitária mundial, acompanha as diversas situações que se apresentam, procurando manter seus estafes e o mundo mobilizados para reduzir ao máximo as consequências das guerras sobre a saúde humana e planetária.

A OMS emitiu, a 26/03, informe sobre o que chamou *de escalada do conflito no Oriente Médio* https://cdn.who.int/media/docs/default-source/middle-east-situation-report/middle-east-conflict-global-situation-report-26-march-2026.pdf?sfvrsn=600e236_7&download=true, no qual reporta que no *Irã* as estimativas são de 3.200.000 de deslocados, 23.061 feridos e 1.825 mortos. No *Líbano*, os

números são de 1.049.328 de deslocados; 3.119 feridos e 1.094 mortos. No *Iraque* são 300 feridos e 70 mortos, e em *Israel*, 4.829 feridos e 19 mortos. Ataques sobre serviços de saúde, verificados pela OMS, foram 21 no Irã, 65 no Líbano e 6 em Israel, que resultaram em 21 trabalhadores de saúde mortos no Irã e 65 no Líbano. O informe da OMS traz ainda informações sobre as situações no Iraque, Síria, Arábia Saudita, Kwait, Barein, Oman e Catar.



Grande número de tais deslocados está abrigado em centros de acolhimento coletivos superlotados, em condições de saúde pública precárias. A saúde dos deslocados, refugiados e migrantes é sempre a mais afetada pela sua situação de flagrante vulnerabilidade. Por isso, os Cadernos saúdam a OMS pelo oportuno lançamento do *Relatório Global sobre Promoção da Saúde de Refugiados e Migrantes* cujo resumo pode ser encontrado na secção Estante e está acessível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240117747

Nota paralela: numa linha totalmente oposta à proteção de migrantes, e ignorando a história europeia de emigrantes para diversos países do mundo, o Parlamento Europeu endurece contra os imigrantes, com a criação dos "centros de retorno" para enviar "ilegais" para fora da União Europeia – por proposta de eurodeputados de direita, extrema-direita e alguns ditos centristas. Ainda a este respeito, acrescente-se que, longe de casa, milhões de trabalhadores migrantes no Golfo estão presos pela guerra. Em 2019, a OIT estimava que havia mais de 24 milhões de trabalhadores migrantes somente na região — normalmente empregados em empregos de baixa remuneração na construção civil, tarefas domésticas, navegação e cuidados.

Voltando à guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã: o conflito, iniciado há 1 mês (28/02), que Trump anunciou que duraria no máximo 3-4 semanas, se intensificou no último fim de semana, com ataques a instalações de infraestrutura, ao mesmo tempo que diplomatas da região mantinham negociações.

Enquanto aviões de guerra americanos e israelenses continuavam a bombardear Teerã e outras cidades iranianas, e mais 3.500 soldados americanos com treinamento especializado para desembarques e ataques anfíbios chegavam à região, o Irã retaliou com uma série de ataques com mísseis e drones contra Israel e os países aliados dos EUA no Golfo. O presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou na quinta-feira (26/03) que ampliou para dez dias o prazo do ultimato para que o Irã permita a livre circulação de navios de carga pelo Estreito de Ormuz; caso contrário, os EUA bombardeariam suas usinas de energia. Na semana passada, Washington enviou a Teerã, por meio de mediadores paquistaneses, um plano de 15 pontos para parar a guerra. Mas os líderes iranianos rejeitaram as condições de Trump e apresentaram exigências próprias para encerrar o conflito.

Comandos militares do Irã acusam os EUA de que as iniciativas diplomáticas que mencionamos acima, são simulações, visando ganhar tempo para organizar operações militares terrestres na república islâmica, o que certamente agravaria e estenderia a guerra, produzindo mais mortes, feridos e sequelados entre os militares, mas também entre civis indefesos, como crianças, mulheres e idosos. Trump disse que quer "tomar o petróleo do Irã", e poderia capturar o centro de exportação da Ilha de Kharg, enquanto os EUA intensificam o envio de navios aviões e soldados ao Oriente Médio.

No outro lado da península arábica, rebeldes houthis do Iêmen parecem ter entrado na guerra, disparando mísseis contra Israel no fim de semana, os primeiros ataques do movimento militante apoiado pelo Irã desde o início da guerra. O grupo ameaça ampliar os transtornos para o transporte marítimo de carga no Mar Vermelho, com ataques no estreito de Babelmândebe, que liga o mar Vermelho ao oceano Índico via golfo de Áden.

Por outro lado, o *meio ambiente na região* já está irremediavelmente afetado, com repercussões sobre a saúde humana que durarão décadas. Contaminação do ar e da água – já de difícil acesso na região – sofrem com as nuvens tóxicas produzidas pelos bombardeios incessantes. Instalações de armazenamento de petróleo e refinarias no Irã foram atingidas, provocando incêndios e aumentando as preocupações com a qualidade do ar e os riscos associados à saúde pública. Incêndios em instalações petrolíferas liberam poluentes tóxicos que podem afetar a saúde respiratória e contaminar o ar e a água.

Na *economia global*, o mundo toma medidas contra a disparada do preço do barril de petróleo desde o início do conflito no Oriente Médio. A reação do governo brasileiro de reduzir os impostos sobre o diesel e a criação de um programa de subvenção destinado a produtores e importadores do combustível também está sendo adotado em mais de 40 países. Este aumento dos preços da energia ampliam a inflação e reduzem o acesso a bens essenciais para a qualidade de vida e a saúde de amplos segmentos da população.

A guerra no Oriente Médio e envolvimentos militares do governo Trump mundo afora estão cada vez mais impopulares nos EUA. Estimadas 9 milhões de pessoas saíram à rua em todos os EUA – e em menor escala em todo o mundo – no sábado (20/03), para *protestar contra o Presidente dos EUA, Donald Trump,* em relação ao que consideram ser seu estilo autoritário de governança, políticas de imigração de linha dura, negação das alterações climáticas e a guerra com o Irã. Foram mais de 3.100 eventos nas principais cidades, subúrbios e zonas rurais do país. É a terceira vez em menos de um ano que as pessoas protestam nos EUA como parte de um movimento de base chamado *"*No Kings*"*.

Para diversos analistas políticos a disjuntiva se coloca: ou EUA-Israel expandem a guerra, invadindo o Irã por terra, com perdas de soldados americanos, ou os EUA se retira da guerra declarando vitória, sem sequer conseguir liberar Ormuz, embora Israel talvez não parasse os ataques contra o Irã. Ou seja, pode ocorrer que depois de milhares de mortos, feridos e sequelados, e bilhões de dólares em gastos militares (que deixaram de ir para objetivos bem mais nobres), tudo volte ao que era.

Dezenas de países, incluindo o Brasil, continuam protestando contra a guerra nas Nações Unidas, pedindo moderação e negociações. Contudo, as reuniões do Conselho de Segurança têm sido utilizadas apenas para ataques mútuos entre as potências, Israel, o Irã etc. O presidente Lula tem feito declarações enfáticas e críticas às Nações Unidas, particularmente contra o Conselho de Segurança no seu formato e regras atuais, incluindo a publicação de artigo no jornal *The Guardian* de 30/03, que foi traduzido ao português e está publicado neste fascículo.

A gravidade da situação no Oriente Médio é tamanha que ofuscou *outras guerras* em curso, como, por exemplo, aquela que estalou entre *Paquistão e Afeganistão*; e a sangrenta *guerra na Ucrânia*, que seria resolvida nos primeiros meses, segundo declarava Trump ao assumir, e que completou 4 anos, com milhares de vítimas e sequelados.

O que dizer, então, das guerras que continuam ceifando vidas e gerando sofrimentos em regiões menos nobres, politicamente, como os conflitos de brutais impactos humanitários nas *guerras esquecidas no continente africano*, particularmente no Sahel, e em especial no Sudão, sobre o qual a OMS tem feito alertas e pedidos candentes, face à imensa crise humanitária no país, depois de mais de 1.000 dias de guerra ininterrupta (ver: https://www.who.int/emergencies/situations/sudan-emergency e https://www.who.int/news/item/09-01-2026-sudan-1000-days-of-war-deepen-the-world-s-worst-health-and-humanitarian-crisis).

Geopolítica global além das guerras

A ***14ª. Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC)***, em Camarões, terminou na segunda-feira (30/03) sem acordos sobre temas-chave, como a reforma da entidade, o comércio eletrônico e a agricultura, em meio a fortes tensões entre Índia, Brasil e Estados Unidos. Com o fracasso nas negociações, a moratória da OMC que isenta o comércio eletrônico de tarifas, em vigor desde 1998, chegou ao fim. Um duro revés para os países desenvolvidos que desejavam a renovação da medida, começando pelos Estados Unidos (ver artigo de ***Chamas e Cesário*** neste fascículo).

Reunião sobre Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS)

A ***IX Reunião Ministerial da ZOPACAS (Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul)***, vai se realizar nos dias *8 e 9 de abril de 2026*, no *Rio de Janeiro*, por iniciativa do Brasil. É um dos mais admirados acordos regionais de paz, que estabelece o *Atlântico Sul* como *zona de paz,* baseada na ausência de conflitos armados entre países e sustentada por mecanismos de cooperação regional, como a *Proclamação da América Latina e Caribe como Zona de Paz* (CELAC, 2014) e a (ZOPACAS, 1986). Preparatória à importante reunião, foi realizado em 4-5/12/2025, na cidade de Praia, Cabo Verde, o *I Seminário sobre Cooperação Técnica da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS)*, reunindo especialistas e participantes de países-membros da ZOPACAS. O evento buscou fomentar o compartilhamento de experiências e a consolidação de uma visão comum para a utilização segura e ambientalmente sustentável do Atlântico Sul, procurando contribuir para a elaboração do Plano de Ação e da Declaração do Rio de Janeiro, que será debatido e aprovado na mencionada reunião do Rio de Janeiro.

Composta por 21 Estados africanos e 3 sul-americanos, a **ZOPACAS** foi estabelecida em 1986 por meio da Resolução 41/11 da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), de iniciativa do Brasil. Foi concebida para estimular a colaboração em temas marítimos, reforçando a imagem do Atlântico Sul como zona de paz e cooperação, livre de armas de destruição em massa e de rivalidades e conflitos extrarregionais. Um olhar mais político sinaliza que a próxima reunião da ZOPACAS é uma resposta ao belicismo dos EUA com sua *Estratégia de Segurança Nacional dos EUA* https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf.

Cuba segue ameaçada por Trump

As ameaças do governo Trump contra Cuba não cessaram. Contudo, cada vez mais envolvido com o imbróglio político e militar que criou com Israel contra o Irã no Oriente Médio, não conseguiu ainda materializar o que poderia ser a invasão à ilha. O Kremlin disse considerar 'um dever' ajudar Cuba a combater crise energética causada pelos EUA, o que se materializou com a chega de um petroleiro com 100 mil toneladas de petróleo à ilha caribenha nesta segunda (30/03) após tratativas entre Moscou e Washington, uma flexibilização pontual do governo dos EUA a restrições ao envio de combustível à ilha, segundo o *The New York Times*. Países como

México e Brasil continuam enviando ajuda humanitária à Cuba, como alimentos, medicamentos e outros itens, por meio das Nações Unidas. Em diversos países, *movimentos sociais* estão organizando coletas para ajuda humanitária ao povo cubano. A situação continua crítica na saúde cubana, com profissionais enfrentando a terrível decisão de a quem atender primeiro, pois a falta de insumos e de energia para os hospitais funcionarem é geral.

Eleições na América Latina: Peru em 12 de abril; Colômbia em 31 de maio

Um quadro indefinido, mas como preferências maiores para os candidatos de direita e extrema-direita – *Rafael López-Aliaga* e *Keiko Fujimori* – marcam o contexto do primeiro turno das eleições presidenciais no ***Peru***, que se realizam *dia 12 de abril próximo*. Nada menos do que 35 candidatos disputam a vaga de presidente. O economista *Alfonso López Chau* é o mais forte concorrente de centro-esquerda, mas aparece nas pesquisas com algo entre 4% e 6% das intenções, patamar ainda insuficiente para levá-lo ao segundo turno. O número de eleitores indecisos (40-45%, segundo pesquisas) aponta, neste momento, para a realização de um segundo turno, agendado para o dia 7 de junho. A crise institucional e a fragmentação na política peruana são enormes, considerando que nos últimos nove anos o Peru teve nada menos que nove presidentes. Além da presidência, serão renovadas as 130 cadeiras da Câmara e os 60 assentos do Senado. Neste ano, as projeções são de que haverá uma maior distribuição entre os partidos, em especial entre Fuerza Popular, Renovación Popular e Alianza para el Progreso.

Na ***Colômbia***, o candidato Iván Cepeda, do Pacto Histórico (partido do atual presidente, Gustavo Petro) continua liderando a corrida presidencial com 35% das intenções de voto, segundo pesquisa divulgada em 20/03. Em 2º. lugar vêm os candidatos de direita Paloma Valencia (com 22%) e Abelardo de la Espriella (15%). As eleições se realizam em 31 de maio próximo.

O *Tribunal Superior Eleitoral (TSE) do Brasil* mantém um site que contém informações sobre todos os processos eleitorais para executivos e legislativos programados para 2026 no mundo, acessível em https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2026/Janeiro/eleicoes-no-mundo-temporada-de-2026-ja-esta-aberta

Fórum dos Países da América Latina e do Caribe sobre Desenvolvimento Sustentável

A *9ª. Reunião do Fórum dos Países da América Latina e do Caribe sobre Desenvolvimento Sustentável* acontecerá de segunda-feira, 13, a quinta-feira, 16 de abril de 2026, na sede da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em Santiago, sob a Presidência do Peru.

O objetivo da reunião é analisar os progressos e os desafios para a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável na região. Contará com uma série de diálogos de ação globais, regionais e nacionais. Durante os *diálogos de ação global*, que serão realizados na terça-feira, 14 de abril, autoridades de alto nível das Nações Unidas e governos da região, juntamente com outras partes interessadas relevantes, discutirão o acompanhamento dos compromissos internacionais assumidos em 2025 na Quarta Conferência Internacional sobre Financiamento para o Desenvolvimento (Sevilha, Espanha), na Segunda Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social (Doha, Catar) e na trigésima sessão da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima COP30 (Belém do Pará, Brasil).

Também será realizada uma sessão sobre a Conferência das Nações Unidas sobre a Água de 2026, que ocorrerá de 2 a 4 de dezembro de 2026, nos Emirados Árabes Unidos, e coorganizada com o Senegal. Este evento crucial visa acelerar o progresso rumo ao Objetivo de

Desenvolvimento Sustentável 6 (ODS 6) — água potável e saneamento para todos — até 2030, fomentando vontade política, investimentos e inovação.

Os *diálogos regionais de ação* terão início na tarde de terça-feira, 14 de abril, com a apresentação do *9º. Relatório sobre o Progresso e os Desafios Regionais da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável na América Latina e no Caribe*, por José Manuel Salazar-Xirinachs, Secretário Executivo da CEPAL. Representantes de países, da sociedade civil, do setor privado e da academia poderão trocar experiências sobre o progresso na implementação dos ODS 6: Água Potável e Saneamento; ODS 7: Energia Acessível e Limpa; ODS 9: Indústria, Inovação e Infraestrutura; ODS 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis; e ODS 17: Parcerias para os Objetivos.

Enquanto isso, durante os *diálogos nacionais de ação*, que serão realizados na quinta-feira, 16 de abril, ocorrerão duas sessões de aprendizagem: a primeira focada na troca de experiências nacionais bem-sucedidas para acelerar o progresso rumo aos ODS, e a segunda no compartilhamento de boas práticas e desafios na preparação das Revisões Nacionais Voluntárias (RNVs) que os países apresentarão em julho no *Fórum Político de Alto Nível das Nações Unidas,* em Nova York.

Os diálogos globais, regionais e nacionais contarão com a participação de representantes de alto nível dos governos dos 33 países da região, bem como de agências, fundos e programas da ONU, coordenadores residentes da ONU na região, instituições financeiras internacionais e bancos de desenvolvimento. Representantes da sociedade civil, do parlamento, da academia e do setor privado também estarão presentes, tanto da América Latina e do Caribe quanto de outras regiões do mundo.

Para participar da reunião, inscreva-se em https://foroalc2030.cepal.org/

Saúde global e diplomacia da saúde

Dia 7 de abril é o **Dia Mundial da Saúde,** cujo tema, em 2026, é "*Juntos pela saúde. Apoie a ciência"*. A celebração deste ano dá início a uma campanha que se estenderá por todo o ano, destacando o poder da colaboração científica para proteger a saúde das pessoas, dos animais, das plantas e do planeta. A campanha ressalta tanto as conquistas científicas quanto a cooperação multilateral necessária para transformar evidências em ações – com forte enfoque na abordagem "*Uma Só Saúde*".

A campanha de 2026 é ancorada por dois grandes momentos globais, a se realizarem em Lyon, França: 1) *Cúpula Internacional de Saúde Única* (7 de abril), organizada pela OMS e pelo Governo da França sob a Presidência francesa do G7; e 2) *Fórum Global dos Centros Colaboradores da OMS* (7 a 9 de abril), que reúne quase 800 instituições científicas de mais de 80 países. Juntos, esses eventos formam a maior rede científica já reunida em torno de uma agência das Nações Unidas, ressaltando como parcerias baseadas na ciência podem construir um futuro mais saudável e seguro para todos.

A campanha convoca governos, cientistas, profissionais de saúde, parceiros e o público em geral a: 1) Apoiar a ciência, baseando-se em evidências, fatos e orientações científicas para proteger a saúde; 2) Reconstruir a confiança na ciência e na saúde pública; e 3) Apoiar soluções baseadas na ciência para um futuro mais saudável.

A Fiocruz será representada em ambos os eventos por diversos profissionais, entre os quais a Vice-presidente de Saúde Global e Relações Internacionais, Lourdes Oliveira. O *CC em Diplomacia da Saúde Global e Cooperação Sul-Sul da OMS na Fiocruz* estará presente à reunião mundial dos Centros Colaboradores. Um informe detalhado sobre os eventos será oferecido aos leitores no próximo fascículo dos Cadernos.

OMS convida para participação em processo de transformação da arquitetura global de saúde

A OMS foi solicitada por seu Conselho Executivo, na última sessão do mesmo (janeiro de 2026) https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/EB158/B158(20)-en.pdf a convocar os principais atores da saúde global para elaborar uma proposta de processo conjunto que apoie a *transformação da arquitetura global de saúde (AGS).*

Este processo conjunto Reforma da arquitetura global de saúde e a Iniciativa ONU80 visa simplificar as atribuições, melhorar a coordenação, alinhar o financiamento com as estratégias lideradas pelos países e reunir os principais atores globais da saúde. Visa também uma abordagem mais inclusiva, transparente e eficiente para atender às necessidades dos países.

Para orientar a concepção do processo de reforma, a OMS convida as partes interessadas a partilharem as suas opiniões, comentários e sugestões sobre uma versão preliminar do documento. Suas contribuições ajudarão a moldar uma proposta que reflita as diversas experiências e conhecimentos especializados da comunidade global de saúde. As informações devem ser agrupadas sob estes títulos: 1) Objetivo, âmbito e princípios; 2) Áreas funcionais para os fluxos de trabalho propostos; 3) Abordagem proposta para a coordenação do processo; 4) Cronograma e fases previstos; 5) Estratégia de engajamento das partes interessadas.

Todas as contribuições devem ser recebidas antes de 18 de abril de 2026 acessando o link: Dê a sua opinião.

Sistema das Nações Unidas

Anunciamos no fascículo anterior que teremos *duas eleições* de grande importância no sistema das Nações Unidas em 2026, para inícios de mandatos em 2027: a de *Secretário(a)-Geral da ONU* e a de *Diretor(a)-Geral da OMS.*

Para o cargo de *Secretário(a)-Geral (SG),* segundo a presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), Annalena Baerbock, já estão declaradas cinco candidaturas: Michelle Bachelet, do Chile; Virginia Gamba, da Argentina; Rafael Mariano Grossi, da Argentina; Rebeca Grynspan, da Costa Rica; e Macky Sall, do Senegal. Ela anunciou que a AGNU prepara *diálogos interativos* com o(a)s candidato(a)s a SG, na terceira semana de abril. Cada postulante terá uma sessão de três horas para apresentar visão, declaração financeira e responder perguntas. O prazo para apresentação de candidaturas encerra em 1º. de abril (ver: https://news.un.org/pt/story/2026/03/1852634). Os *Cadernos* se comprometeram a acompanhar e trazer periodicamente informações aos leitores sobre este tema de incontornável importância para a governança global e dada a poderosa influência desta sobre a saúde humana e planetária. A novidade da quinzena foi que o novo presidente do Chile, de extrema-direita, retirou o apoio à candidatura da chilena Michelle Bachelet à Secretária-Geral, mas Brasil e México confirmaram a manutenção do apoio ao seu nome.

COP15 da Convenção da ONU sobre Espécies Migratórias (CMS)

A *COP15 da Convenção da ONU sobre Espécies Migratórias (CMS)* terminou no domingo (29/3) com resultados inéditos em Campo Grande (MS). O evento, que reuniu 2 mil participantes de 133 países, aprovou a proteção internacional de 40 novas espécies migratórias e avançou em 10% na redução do déficit global de proteção. ***Magalhães a Galvão*** apresentam informe com comentários preliminares sobre o evento, no qual explicam o que é a Convenção, porque fauna migrante é importante para a saúde humana e planetária e quais os principais resultados alcançados na COP15.

Regiões, territórios e temas em foco

Nossos analistas apresentam a seguir, em seus respectivos informes, as diversas **instituições do sistema multilateral** e temas de que elas se ocupam: *desenvolvimento, direitos humanos, trabalho, saúde da mulher e da criança, fome e segurança alimentar, comércio e propriedade intelectual, meio ambiente, saúde, educação e cultura, migração e refúgio, entre outros, e incluindo as instituições de Bretton Woods (FMI e Banco Mundial) e os bancos regionais de desenvolvimento*. Sempre que possível buscando explicar os nexos e impactos destes temas sobre a saúde humana e planetária**.** Também buscamos cobrir o posicionamento da *sociedade civil global de interesse público e de interesse privado*, ator de enorme importância nos destinos da saúde global e da diplomacia da saúde.

Pesquisador e analista responsável por acompanhar a complexidade das Nações Unidas, ***Alcázar*** se inspirou no seminário "Direitos Humanos em tempos de desumanização: das ameaças atuais ao futuro a ser construído", realizado no âmbito dos Seminários Avançados em Saúde Global e Diplomacia da Saúde, em 25 de março de 2026. No artigo, explora a ideia da desumanização como consequência da negação do reconhecimento e do respeito aos direitos humanos. Recorda a máxima da Declaração de Oslo sobre saúde global e política exterior – fazer da saúde o ponto de partida e a lente definidora para examinar políticas e estratégias de desenvolvimento – e propõe ampliar o mesmo conceito da seguinte maneira: fazer dos direitos humanos o ponto de saída e a lente definidora para a formulação e adoção de todas as políticas.

Para ***Garay,*** a crescente integração de infraestruturas algorítmicas em sistemas de defesa e financeiros está transformando as dinâmicas de poder global. Plataformas como *Palantir Technologies* e *Aladdin* da *BlackRock* concentram capacidades de análise de dados, modelagem preditiva e tomada de decisão em escala planetária. Esse processo gera vantagens assimétricas que ampliam as desigualdades estruturais. O *Sustainable Health Equity Movement (SHEM)* estima que mais de 16 milhões de mortes anuais são atribuíveis a desigualdades injustas. Este artigo analisa como a expansão do poder algorítmico, combinada com a participação cotidiana da população na geração de dados e fluxos financeiros, contribui para a concentração de poder e a perda de vidas humanas. Estratégias de autonomia comunitária são propostas como mecanismos de mitigação, e futuros possíveis são considerados, incluindo cenários com "humanos" biônicos capazes de emissão e recepção de informações orientadas por dinâmicas de poder e controle.

O informe de ***Negri Filho e Gaspar*** se debruçam sobre o **Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas**. Apresentam as considerações do regime contemporâneo da assistência e cooperação internacionais, a partir do relatório da Perita Independente das Nações Unidas sobre os *efeitos da dívida externa e de outras obrigações financeiras internacionais sobre o pleno*

gozo dos direitos humanos (A/HRC/61/44). O relatório articula os fundamentos normativos do direito internacional dos direitos humanos com a crítica estrutural à arquitetura fiscal e financeira global, desenvolvida principalmente por meio do conceito de legitimidade fiscal. Em complemento, apresentam, em diálogo direto com o relatório, a obra de Isabel Ortiz sobre austeridade, espaço fiscal e direitos humanos, demonstrando a convergência entre evidência empírica, crítica econômica e normatividade jurídica. Sustenta-se que a austeridade constitui hoje um regime estrutural incompatível com as obrigações internacionais dos Estados e que a cooperação internacional deve ser reorientada como dever jurídico para a realização dos direitos humanos.

O artigo de ***Reges, Bermudez e Galvão*** sobre a **OMS** aborda dois eixos centrais da agenda global e regional de saúde: os impasses nas negociações do *Acordo sobre Pandemias* e *os resultados alcançados pela OPAS nas Américas em 2025*. No plano global, destaca-se a dificuldade em avançar no Anexo de acesso a patógenos e repartição de benefícios (PABS), com divergências persistentes sobre princípios fundamentais e ausência de vontade política suficiente para alcançar consenso, o que levou à prorrogação das negociações e coloca em risco a própria operacionalização do Acordo. No plano regional, o relatório anual da OPAS evidencia uma combinação de avanços significativos e desafios persistentes. Em conjunto, os dois temas ressaltam que, embora haja capacidade técnica e exemplos concretos de progresso, a efetividade das respostas em saúde depende, sobretudo, de cooperação internacional sustentada e compromisso político.

Na área de **ambiente e saúde**, ***Magalhães e Galvão*** abordam os principais achados do relatório *State of the Global Climate 2025* da *Organização Mundial da Meteorologia*, destacando que o sistema climático global se encontra em estado crítico devido ao aumento contínuo das concentrações de gases de efeito estufa. Esse processo tem gerado um desequilíbrio energético sem precedentes, com a maior parte do calor sendo absorvida pelos oceanos, resultando em aquecimento oceânico, elevação do nível do mar, derretimento de geleiras e redução do gelo marinho. A análise dos oito indicadores-chave evidencia impactos interconectados nos sistemas naturais e humanos, incluindo perda de biodiversidade, insegurança alimentar, escassez hídrica e aumento de eventos extremos. Os eventos climáticos extremos — como ondas de calor, secas, inundações e tempestades — estão se tornando mais frequentes e intensos, gerando impactos diretos e indiretos na saúde humana. Destacam-se o aumento de doenças relacionadas ao calor, a expansão de doenças infecciosas como a dengue e os efeitos sobre a saúde mental, especialmente em populações vulneráveis. Nesse contexto, reforça-se a importância da integração entre dados climáticos e sistemas de saúde para fortalecer respostas preventivas e aumentar a resiliência.

Os autores discutem também os resultados da *15ª Conferência das Partes da Convenção sobre Espécies Migratórias (CMS COP15)*, que resultou em novos acordos internacionais para a proteção da biodiversidade, incluindo a inclusão de novas espécies em listas de conservação e a adoção de planos multiespécies. O documento também destaca ameaças emergentes, como a gripe aviária (H5N1), que tem causado mortalidade em massa em espécies migratórias e representa riscos adicionais à saúde pública. Em conjunto, o texto evidencia a interconexão entre clima, biodiversidade e saúde, ressaltando a urgência de ações integradas e coordenadas em escala global.

Peres informa que a **Organização Internacional do Trabalho (OIT)** encomendou a uma *Comissão de Especialistas* um *Estudo Geral sobre a Recomendação n.º 205, de 2017, relativa ao Emprego e ao Trabalho Decente para a Paz e a Resiliência*. Tendo como premissas o

recrudescimento e a expansão de conflitos, ao redor do planeta, na atualidade, assim como o fato de as questões relativas ao trabalho ficarem, geralmente, em um segundo plano entre as diferentes crises que se produzem nesses contextos, o Estudo Geral abordou temas como a promoção do emprego e do trabalho decente em contextos de crises, medidas de gestão de crises em áreas-chave relacionadas ao mundo trabalho, pessoas e grupos da população particularmente afetados por situações de crise e a necessidade de desenvolver todo o potencial da Recomendação n.º 205 para a mitigação de danos circunscritos ao mundo do trabalho em contextos de conflitos armados. Apresenta alguns elementos-chave para o enfrentamento do chamado círculo vicioso do trabalho em contextos de crises e propõe estratégias para a promoção de círculos virtuosos, baseados no trabalho decente, paz e desenvolvimento. Conclui recomendando aos países membros o desenvolvimento e a implementação de estratégias inclusivas que resultem em políticas e programas de promoção do trabalho decente e equitativo, com especial atenção aos grupos populacionais e indivíduos mais vulnerabilizados ante situações de conflitos.

O informe elaborado pelo ***Grupo de Trabalho sobre Migrações, Refúgio e Saúde Global*** apresenta um panorama sobre as notícias mais recentes no tema da **saúde, migração e refúgio** em diversos territórios. Aborda a questão da resposta a catástrofes climáticas no Brasil sob duas perspectivas: a atuação do **ACNUR** no acolhimento das pessoas deslocadas durante a emergência de Minas Gerais e a criação de um projeto de preparação e resposta à emergências no Rio Grande do Sul liderado pela **OIM**. Também discute uma atualização a respeito da atual crise no Oriente Médio e seus impactos sobre o fluxo de pessoas na região, em especial no Irã e no Líbano, que têm forçado o deslocamento de milhões de pessoas e colocado a infraestrutura essencial dos países afetados sob pressão com as demandas crescentes. Por fim, comentam dois cenários de crises prolongadas no continente africano: os congoleses refugiados no Burundi retornando a seus lares e o agravamento da situação humanitária do Sudão e do Sudão do Sul.

Com foco na **saúde da mulher e da criança**, ***Vilellai, Massari e Gomes*** abordam a *70ª Commission on the Status of Women*, realizada na sede das ONU, entre 9 e 19 de março de 2026, destacando seus principais debates, tensionamentos e agendas prioritárias. O texto discute o contexto político internacional marcado por disputas em torno do conceito de gênero e por tentativas de retrocesso em direitos historicamente consolidados, especialmente no campo da saúde sexual e reprodutiva. Também examina a atuação da delegação brasileira, com ênfase em iniciativas voltadas ao enfrentamento do feminicídio e à regulação da violência digital de gênero.

No campo da **segurança alimentar e nutricional global**, ***Nilson e Oliveira*** discutem a captura da narrativa da segurança alimentar e nutricional pelos sistemas alimentares hegemônicos, desde a agricultura de commodities até a proliferação dos alimentos ultraprocessados, que explica a aparente contradição de estarmos produzindo cada vez mais alimentos, mas ainda estarmos longe de eliminar a fome no mundo. A real transformação dos sistemas alimentares depende, em grande parte, da retomada dessas narrativas por meio da orientação das políticas pelo direito humano à alimentação adequada.

Sanglard, Barros, Rodrigues e Gaspar complementam seu informa anterior (Cadernos 02/2026) e continuam a explorar o **relatório de 2025 da Unesco-Brasil**, ressaltando as ações e abrindo possiblidades de parceria – sobretudo para a Cátedra Oswaldo Cruz de ciência, saúde e cultura. Neste informe iremos evidenciar as ações do Setor de Cultura e Setor de Comunicação e Informação.

Analisando as **instituições financeiras internacionais**, ***Cazumbá*** aponta que o desenvolvimento mais célere da América Latina e do Caribe (ALC) foi o tema principal das *Reuniões Anuais do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do BID Invest*. O evento contou com a presença dos governadores dos países membros do Banco, que além destes, outras lideranças de diversos setores (agências de desenvolvimento, instituições financeiras multilaterais, bancos privados e outros) participaram igualmente. Diversas iniciativas foram anunciadas em áreas consideradas prioritárias, que contaram com o apoio dos países membros, tornando as Reuniões Anuais com maior impacto para o desenvolvimento na região.

O informe de ***Tavares*** apresenta a participação dos **Bancos Regionais de Desenvolvimento da América Latina e do Caribe (CAF) e da África (AfDB)** na última Cúpula CELAC-África realizada em março de 2026 na Colômbia. No quesito *Saúde* verifica-se que os diferentes acordos entre os Bancos apresentam apenas impactos sobre os determinantes sociais, econômicos e ambientais na saúde. No entanto, são apontadas perspectivas potenciais de impacto na Saúde da população de ambas as regiões através da atuação específica dos referidos Bancos, sobretudo em infraestrutura social.

Chamas e Cesário analisam os principais desenvolvimentos recentes da **governança do comércio internacional,** com foco na *14ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (MC14)*, na agenda de reforma da **OMC**, nas negociações sobre propriedade intelectual no âmbito da **OMPI** e nos efeitos das preferências comerciais analisados pela **UNCTAD**. A MC14, realizada em Yaoundé, consolidou avanços incrementais por meio do chamado "*Pacote de Yaoundé*", ao mesmo tempo em que evidenciou limites estruturais do sistema multilateral, especialmente diante de impasses em temas como comércio eletrônico, TRIPS e agricultura. A agenda de reforma da **OMC** emerge como resposta às tensões entre fragmentação e multilateralismo, com destaque para a crise do sistema de solução de controvérsias e a necessidade de restaurar previsibilidade e legitimidade institucional. Paralelamente, as negociações na **OMPI** sobre proteção de expressões culturais tradicionais revelam profundas divergências quanto ao escopo de direitos, critérios de elegibilidade e relação com normas internacionais, refletindo tensões distributivas entre países. Por fim, a análise da **UNCTAD** demonstra que a previsibilidade das preferências comerciais é determinante para seus efeitos no desenvolvimento, sendo sua instabilidade capaz de gerar impactos econômicos e sociais significativos em países em desenvolvimento. Em conjunto, o documento evidencia que o sistema multilateral de comércio atravessa um momento de transição crítica, no qual a adaptação institucional e a cooperação internacional são centrais para sua revitalização.

O ***GT sobre Movimentos Sociais Globais e Saúde***, liderado por ***Luis Eugênio de Sousa,*** apresenta as manifestações de **33 organizações da sociedade civil (OSC)** das 51 monitoradas, entre 13 a 26 de março de 2026. A análise evidencia a preocupação com a "policrise", que associa conflitos armados, crise climática e crises humanitárias. A intensificação de conflitos armados no Oriente Médio (Líbano, Irã e Síria) e no Sudão é destacada. Curiosamente, os ataques continuados de Israel à Palestina, a persistência de conflitos em diversos países africanos, a prolongação da guerra entre a Rússia e a Ucrânia e a desintegração social no Haiti não foram mencionadas no período. Esse esquecimento seletivo parece indicar a existência de uma hierarquização de vidas humanas e a fragmentação da solidariedade global. Entre a **OSC de interesse público**, observa-se a predominância de temáticas sobre crises humanitárias e violação do direito internacional, além de discussões sobre determinantes comerciais e sociais. Tais manifestações fazem críticas ao imperialismo, ao bloqueio econômico a Cuba e aos danos

à saúde mental decorrentes do uso de mídias sociais. Tratam ainda do enfrentamento das doenças transmissíveis e não transmissíveis sob a ótica da equidade. Por sua vez, as **OSC de interesse privado** concentram suas manifestações em temas como inovação tecnológica, desenvolvimento de vacinas e preparação para futuras pandemias. Quando abordam as crises humanitárias, focam na proteção da infraestrutura e na garantia da continuidade de serviços, sem quaisquer críticas geopolíticas.

De Negri e De Negri Filho analisam a disputa por terras raras no Brasil, que revela a conexão entre mineração, crise climática e complexo industrial militar sob um "imperialismo necrófilo"; a guerra no Golfo Pérsico, que aprofunda a crise energética e sanitária global; a 32ª sessão do Comitê Fiscal da ONU, que tenta avançar na justiça tributária diante da concentração recorde de riqueza – 20,1 trilhões de dólares nas mãos de 3.428 bilionários. Também trazem críticas sobre "*Board of Peace*" e seu projeto neocolonial de reconstrução de Gaza, e celebram a *Carta de Porto Alegre* como marco da unidade antifascista internacional. Na *saúde*, analisam o estudo do Lancet, que evidencia o dilema entre mitigação climática e equidade; o silêncio da mídia italiana sobre a crise contrasta com a urgência do tema; analisam como as negociações do Acordo Pandêmico seguem emperradas por interesses geopolíticos. Acusam como a tortura sistemática de trabalhadores da saúde na Palestina e os ataques ao Líbano e como Cuba expõem a destruição da saúde como arma de guerra. Por fim, abordam o legado da 8ª Conferência Nacional de Saúde, 40 anos depois, como reafirmação do direito universal como horizonte.

Ungerer, Kastrup e Monteiro relatam que na *Commission on the Status of Women (CSW70)*, o **UNOSSC** articulou a equidade de gênero como pilar da soberania alimentar. Através do "Marco 2026-2030" e da gestão dos fundos IBSA e Índia-ONU, o Escritório promoveu soluções sistêmicas em infraestrutura e dados, fortalecendo o protagonismo feminino no Sul Global e consolidando bens públicos regionais para acelerar os ODS. **O G77+China** reafirmou, em 14 declarações, a prioridade ao desenvolvimento e à equidade. No BBNJ, defendeu um financiamento previsível e transferência tecnológica; nos 2º e 5º Comitês, cobraram transparência orçamentária, representação geográfica e preservação da soberania nas resoluções. No ECOSOC, lideraram a defesa por uma reforma tributária internacional inclusiva na ONU.

A **cooperação do Brasil** fortaleceu a cooperação Sul-Sul em habitação social, segurança alimentar e educação profissional. O destaque foi a liderança da Fiocruz na nova Coalizão Global do G20, visando descentralizar a produção de insumos de saúde e reduzir a dependência tecnológica do Sul Global, promovendo soberania sanitária e equidade.

O **Movimento dos Não-alinhados (MNA)** focou na soberania multidimensional. Na CSW70, combateu a feminização da pobreza e sanções unilaterais. Na OMC, defendeu a flexibilização de patentes (TRIPS) e IA para a saúde. Reivindicaram a soberania digital e regulamentação de algoritmos para proteger a diversidade cultural do Sul Global contra o ódio. O **Movimento Jovem dos Não-alinhados (NAMYO)** recebeu o Campeão de Alto Nível da COP31 para debater o papel indispensável da inovação e da advocacia dos jovens na construção da agenda climática rumo à conferência em Antália.

O **Centro Sul** impulsionou a estratégia "Uma Só Saúde" na 1ª Conferência Regional sobre RAM em Brasília, enfatizando o acesso equitativo a antibióticos. O órgão também publicou análises críticas sobre a reforma da OMC para a MC14, defendeu um tratado vinculante para empresas e direitos humanos e alertou contra interpretações expansivas do Acordo TRIPS.

Para ***Hoirisch,*** o **BRICS** coopera em diversas áreas e não exige alinhamento geopolítico entre seus membros. Na verdade, a flexibilidade tem sido uma de suas características definidoras. A guerra dos EUA e Israel contra o Irã pode testar os limites dessa flexibilidade na prática. Grandes crises geopolíticas tendem a comprimir o sistema internacional, forçando os países para um posicionamento político mais claro. Embora muitos países prefiram a ambiguidade estratégica, conflitos prolongados podem tornar a neutralidade cada vez mais difícil de manter, afinal estão em jogo mercados de energia, rotas comerciais marítimas e sistemas financeiros. O bloco inclui países com tradições de política externa e relações de segurança muito distintos. Individualmente, quatro de seus cinco membros-fundadores, o BRIC, emitiram declarações lamentando perdas iranianas e denunciando violações do direito internacional. Somente a Índia não condenou abertamente os ataques dos EUA e de Israel contra o Irã por possuir relações com os EUA e Israel e depender do fornecimento de energia do Oriente Médio. Por estar em posição de equilíbrio mais cautelosa, sob sua presidência, o BRICS se manteve silencioso sobre a guerra. Até a semana anterior a este informe, os países do Golfo e membros do BRICS o momento, Arábia Saudita e Emirados, aliados dos EUA, haviam proibido o uso de suas bases militares americanas ou espaço aéreo caso um ataque ao Irã prosseguisse. O conflito destacou a necessidade de os BRICS acelerarem a transição para as energias renováveis; impulsionarem uma mudança mais rápida para o pagamento do petróleo em moedas locais entre seus membros e a colocarem em prática uma plataforma de pagamentos do grupo, visando reduzir a dependência de sistemas financeiros ocidentais como o SWIFT e, ao mesmo tempo, que garanta uma resiliência contra sanções. O grupo continua sendo a única plataforma capaz de reunir os recursos de uma parcela da humanidade que se recusa a viver sob o domínio do capitalismo americano, mas isso exige um organizador e integrador. Somente a China pode desempenhar esse papel. Será que ela está disposta?

O informe de ***Burger, Estephanio e coautores*** analisa os grupos **G20 e G7,** assim como a **OCDE.** O informe aborda a persistente estagnação institucional da presidência dos Estados Unidos no **G20** e o posicionamento crítico do grupo de engajamento *Trabalho 20 (Labour 20)*. O texto destaca a denúncia dos sindicatos globais contra a agenda minimalista de Washington e a articulação de uma contra-agenda focada na defesa da democracia, dos direitos trabalhistas e da redução de desigualdades globais. Sobre o **G7**, os autores trazem os desconfortos diplomáticos no grupo, com a suposta retirada do convite à África do Sul para participação da cúpula como país observador. Houve também um encontro dos Ministros das Relações Exteriores para discutir a guerra contra o Irã, objetivos estadunidenses e impactos geopolíticos. Os destaques da **OCDE** se dividem entre a apresentação de projeções econômicas globais para 2026 e 2027, a publicação da terceira edição do estudo sobre filantropia para o desenvolvimento e a divulgação do compêndio sobre reconstrução pós desastre, além da publicação de quatro estudos sobre Saúde.

No informe sobre **América Latina e Caribe (ALC),** nossos analistas ***Brito e Tobar*** analisam A América Latina atravessa uma "policrise" estrutural, onde fatores políticos, econômicos, sociais e de saúde se sobrepõem, gerando: Estados sob maior pressão; sociedades mais desiguais e uma integração regional ainda frágil. No seguimento das *organizações regionais*, destacamos que o **ORAS-Conhu** se reuniu com ministérios dos países membros e Parlamento Andino, o **COMISCA** fortaleceu a cooperação com países membros e participou de evento na área saúde digital e a **OTCA** fortaleceu a cooperação nas áreas de incêndios e segurança pública.

O ***GT Fiocruz sobre África***, liderado por ***Augusto Paulo Silva***, analisa os efeitos da saída dos EUA da OMS em 2026 e a transição para a Estratégia de Saúde Global America First sobre as

relações com países africanos. Washington substituiu o multilateralismo por *acordos bilaterais com 15 nações africanas*, oferecendo financiamento em troca de acesso a dados de saúde e genômicos por 25 anos, um processo rotulado como "*extração 2.0*". O modelo é criticado por evitar o escrutínio parlamentar e impor condições ideológicas e comerciais que favorecem empresas americanas. No Quênia, por exemplo, a justiça suspendeu o acordo local devido a preocupações com a soberania de dados, biossegurança e falta de transparência constitucional.

No seu informe sobre a **Europa**, ***Freire*** destaca a entrada em vigor provisória, a partir de 1º de maio, *do acordo comercial entre Mercosul e União Europeia*, juridicamente contestado na Europa. Apenas a parte comercial está ativa, enquanto capítulos políticos dependem de aprovação do Tribunal Europeu. O impacto imediato para a Fiocruz, que goza de imunidade tributária por ser uma autarquia federal, é limitado. No cenário internacional, a guerra envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã, segue pressionando cadeias globais de energia e alimentos, elevando a inflação e afetando especialmente a Europa. Enquanto países europeus evitam envolvimento direto e condenam os contra-ataques do atacado, a Espanha, por intermédio de seu primeiro-ministro Pedro Sánchez critica duramente o conflito e defende uma política externa mais independente. Freire também aborda a recente aprovação, pelo Parlamento Europeu, do endurecimento das políticas migratórias e de um acordo comercial desigual com os EUA, que aumenta a dependência energética europeia. Paralelamente, a crise do petróleo leva a Agência Internacional de Energia a recomendar redução do consumo, apelando aos cidadãos, e não aos governos, para medidas associadas à transição energética. Por fim, as eleições municipais na França evidenciam a crescente polarização no panorama político europeu, com avanço tanto da esquerda quanto da extrema-direita, antecipando disputas intensas nas eleições presidenciais de 2027.

Marques considera que, já adentrados no segundo quarto do Século XXI, nenhuma das 190 economias, avaliadas no relatório do Banco Mundial, concede às mulheres igualdade de oportunidades econômicas e sociais, embora as barreiras que impedem o crescimento e empoderamento das mulheres tenham reduzido substancialmente. Na **Ásia e no Oriente Médio**, este e outros 20 relatórios destacam o "*hiato de implementa*ção": as leis de igualdade não são acompanhadas de mecanismos de segurança e execução para que elas funcionem. Os vários relatórios confirmam o cenário de desafios e também de oportunidades nos quais o papel da mulher cresceu, como na saúde e em biotecnologia. Embora apontem progressos, podemos observar que na Ásia e no Oriente Médio fatores históricos e culturais ou de segurança se tornam barreiras enraizadas que restringem o acesso das mulheres ao emprego ou reduzem a capacidade de manutenção do emprego e, portanto, de participarem plenamente da economia do país. Como se observa, essas regiões mostram uma dualidade: ao mesmo tempo que as mulheres são as mais afetadas pelos eventos e ausências de políticas, elas são as principais operadoras de redes de saúde e resiliência comunitária. Nas duas regiões, a desproporção no trabalho de cuidado não remunerado é a mais acentuada do mundo. Isto significa que todas as políticas (licença parental e proteção salarial, suporte público para idosos e crianças, por exemplo) devem ser trabalhadas visando também não só a igualdade de gênero, mas o empoderamento feminino. Por fim, se compararmos, o Sul da Ásia se destaca como o cenário de maior "desperdício de talento": as mulheres estudam, mas o sistema legal e as normas sociais as impedem de converter esse estudo em autonomia econômica.

Em seu artigo sobre a **China**, ***Lobato e parceiros*** destacam o papel das seguradoras no financiamento e organização dos riscos dos investimentos em tecnologias de fronteira, que foram objeto de um conjunto de medidas publicadas no contexto da reestruturação de um

sistema de seguros voltado à inovação. Um dos cinco eixos trata da internacionalização. O MCTI chinês realizou ainda um inventário da relação entre patentes e comercialização de ativos das universidades do país. De acordo com a análise, os fatores que historicamente contribuíram para a baixa taxa de aproveitamento incluíam a falta de visão comercial entre pesquisadores, longos ciclos de transferência, ausência de profissionais especializados e um ecossistema de transferência ineficiente. O primeiro inventário nacional de patentes em universidades e instituições de pesquisa abrange mais de 1,3 milhão de ativos. No *eixo diplomático*, o chanceler iraniano Seyed Abbas Araghchi afirmou que o Estreito de Ormuz permanece aberto à navegação internacional, com ressalvas a países em guerra com o Irã. Paralelamente, o presidente Xi Jinping reiterou, na Cúpula China-CELAC, o compromisso chinês com a soberania e o desenvolvimento da América Latina e do Caribe, reforçando a cooperação Sul-Sul. No *eixo diplomático*, China e Vietnã avançaram na cooperação militar com o primeiro treinamento naval conjunto e a criação do mecanismo estratégico "3+3" (diplomacia, defesa e segurança pública), apesar de persistirem tensões no Mar do Sul da China. No *plano econômico*, a China intensificou sua estratégia de abertura com programas como "*Shopping in China", "Export to China" e "Invest in China*", visando ampliar importações, consumo interno e investimentos estrangeiros. Na *área da saúde*, os autores destacam um documentário premiado sobre Wuhan que recupera memórias sociais da pandemia de COVID-19, enfatizando o papel das redes comunitárias e da governança multinível na resposta inicial à crise. Numa fusão de passado e futuro de outro tipo, a medicina tradicional chinesa avança com o uso da robótica e da inteligência artificial: por exemplo, com dispositivos portáteis de estimulação de acupontos em missões espaciais e sistemas digitais de rastreabilidade de ervas medicinais.

Sobre os **EUA**, ***Luiz Augusto Galvão*** informa que em resposta aos desafios atuais enfrentados pela saúde pública no país, líderes das quatro principais associações nacionais de saúde pública vão se reunir em março de 2026 na Universidade Washington em St. Louis para debater caminhos sustentáveis de reinvestimento e proteção das funções essenciais da saúde coletiva. O sistema de saúde pública dos Estados Unidos enfrenta cortes orçamentários; surtos de sarampo ameaçando o status de eliminação da doença conquistado em 2000.

Estante



A seção traz breves informações e resumos de livros, revistas, relatórios e vídeos sobre temas de saúde global e diplomacia da saúde. A ideia é permitir que nossos analistas, mas também leitores e colaboradores, compartilhem dicas sobre o que leram, viram ou ouviram e que gostaram. Os comentários não devem ultrapassar 150 palavras para que possamos compartilhar diversas contribuições a cada fascículo editado. A ESTANTE fica no final do fascículo, antes da lista de autores e dos créditos dos *Cadernos*.

Brasil e Reino Unido reforçam cooperação em saúde com foco em inovação e desafios climáticos



O *"Diálogo Brasil – Reino Unido em Saúde"* foi realizado na última quarta-feira (25), no Rio de Janeiro, reunindo autoridades, especialistas e representantes institucionais de ambos os países. O encontro consolidou parcerias estratégicas fundamentais para impulsionar a inovação e

ampliar o acesso a novas tecnologias em saúde. A secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde do MS, Fernanda De Negri, reforçou a importância do multilateralismo e da articulação internacional para impulsionar a inovação e garantir o acesso sustentável a tecnologias em saúde. Segundo ela, o avanço dessa agenda depende de alianças consistentes, capazes de integrar esforços entre governos, instituições e setor produtivo. É o que ambos os países buscarão com a implementação do acordo. Leia mais em: Representantes do Brasil e Reino Unido reforçam cooperação em saúde com foco em inovação e desafios climáticos — Ministério da Saúde

Seminários Avançados da Fiocruz discutem movimentos sociais globais e saúde em 8 de abril



I Conferência Internacional Antifascista em Porto Alegre

Vinte e cinco anos após o I Fórum Social Mundial, cidade reuniu no fim de semana de 26-29/03, a I Conferência Internacional Antifascista, a vasta (e heterogênea) rede que se opõe à ultradireita. Em meio à diversidade, grata surpresa: ampla capacidade de diálogo e uma declaração unitária ao fim. A Conferência (que pretende se transformar em um processo internacional) teve mais de 4 mil inscritos, 11 mesas temáticas e 150 atividades autogestionadas. Além da 'Marcha Antifascista', a Conferência incluiu vários painéis de discussão dinamizados por líderes políticos, representantes de movimentos sociais e delegações de diversos países, com o objetivo comum de articular respostas face ao crescimento da extrema-direita no mundo.





A Conferência lançou uma Declaração Final, a *Carta de Porto Alegre: Unidade contra o fascismo e pela soberania dos povos,* cuja íntegra pode ser acessada em Eis a carta da Conferência

Antifascista | Outras Palavras. Leia mais no artigo de *Eduardo Mancuso*, O fim de semana em que Porto Alegre voltou a ser rebelde, publicado no site *Outras Palavras.*

Conferência Nacional dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil

A 1ª *Conferência Nacional dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (1ª Conferência Nacional ODS)*, que se realiza em Brasília, de 29 de junho a 02 de julho de 2026, tem como propósito central sensibilizar, mobilizar e formar amplamente a sociedade brasileira em torno do debate público sobre a *Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.* Busca-se, com máxima legitimidade, representatividade e participação social, promover um amplo processo democrático de construção de propostas e estratégias para implementação efetiva dos ODS em território nacional, bem como a promoção do letramento dos cidadãos e cidadãs sobre a Agenda 2030 e os ODS. Acesso a todas as informações sobre a Conferência em: 1ª Conferência Nacional ODS.



Instituto Pasteur do Irã sofre bombardeios e muita destruição



O Instituto Pasteur do Irã foi atingido por um ataque aéreo ocorrido em 23 de março de 2026. Alguns edifícios do complexo histórico que abrigava o Instituto foram completamente destruídos, ao passo que outros foram parcialmente afetados por estilhaços, causando extensa destruição e interrompendo operações científicas e de saúde pública essenciais.

O complexo de laboratórios de saúde pública abrigava 23 departamentos de pesquisa, dois centros colaboradores da Organização Mundial da Saúde, três biobancos, três redes de pesquisa, três centros de pesquisa, uma unidade de vacinação e um laboratório aprovado pela Agência Nacional de Alimentos e Medicamentos, onde trabalhavam 110 membros do corpo docente, mais de 400 funcionários técnicos e administrativos e 80 estudantes de doutorado. Felizmente, ninguém ficou ferido.

O Instituto Pasteur do Irã foi fundado em 1920, é a mais antiga instituição de saúde do país e algumas partes das construções antigas danificadas estão registradas como patrimônio cultural do país. É a guerra impondo perdas irreparáveis à ciência, à saúde pública e ao patrimônio coletivo da humanidade.

A Fiocruz, como integrante da *Rede de Institutos Pasteur* – que é presidida pelo presidente Mario Moreira – expressa o pesar pelo ocorrido e total solidariedade, o que

certamente representa também a posição da comunidade científica da *IANPHI (Associação Internacional de Institutos Nacionais de Saúde Pública)*, da qual ambos os institutos são membros.

Saiba mais em: https://wanaen.com/destruction-of-parts-of-iran-pasteur-institutes-research-infrastructure/#:~:text=WANA%20(Mar%2025)%20%E2%80%93%20Parts,also%20located%20within%20the%20site

Cadernos FIOCRUZ de Saúde Global e Diplomacia de Saúde há 6 anos servindo a comunidade global



Com seu primeiro número tendo sido lançado em março de 2020, por ocasião da decretação pela OMS da Covid-19 como pandemia, os Cadernos se transformaram numa referência para a comunidade global da saúde e da diplomacia neste campo político e de conhecimento contemporâneo. Mais de 130 fascículos já foram lançados, a base de 22 a 23 por ano, com cerca de 280 páginas em média por quinzena, ou seja, mais de 5.000 páginas por ano. Cada fascículo contém em torno de 22 a 25 artigos de atualidades, escrito por cerca de 60 autores, que compartilham em torno de 500 referências de artigos, relatórios, declarações etc. sobre este dinâmico campo das relações internacionais em saúde. Todos os fascículos dos Cadernos estão disponíveis para exame ou *download* no site: Cadernos CRIS/Fiocruz: Informes sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde | Portal Fiocruz Para 2026 está programada a edição de 23 fascículos.

Catálogo de Seminários Avançados em Saúde Global e Diplomacia da Saúde 2020-2025



A coleção dos 137 Seminários do CRIS realizados de 2020 a 2025, com uma breve descrição e os links para acesso às versões em português, espanhol e inglês, está disponível para acesso ou download nos seguintes endereços: https://portal.fiocruz.br/seminarios-avancados-em-saude-global ou https://www.youtube.com/playlist?list=PLz0vw2G9i8v-mMVaQPrzpQUQhqa-0obSN. Tem se mostrado um recurso excelente para ensino e aprendizagem em saúde global e diplomacia da saúde, com cerca de 700 painelistas brasileiros e internacionais, abordando temas como a agenda da saúde global e ambiental, direitos humanos, *One Health*, C&T em saúde, os grandes eventos mundiais realizados nos últimos 6 anos, entre tantos outros temas de interesse para profissionais da saúde, da diplomacia e dos movimentos sociais. Para 2026 estão programados 23 seminários; os dois primeiros, sobre "Geopolítica, saúde global e diplomacia da saúde" (04/02) e "Situação demográfica e epidemiológica global" (25/02), já estão disponíveis online no YouTube da Fiocruz.

====*====

Duas mensagens nos estimulam a persistir, nos *Cadernos*, com nossa mensagem pacifista e de lutas pela justiça social e a saúde e bem-estar globais. Como diz **Milton Nascimento**, Doutor *Honoris Causa* da Fiocruz, mantemos essa "*estranha mania de ter fé na*

vida"; e, como nos impele **Antonio Gramsci**, filósofo marxista italiano, diante dos absurdos que verificamos globalmente, continuamos a nos guiar pelo "*pessimismo da razão e o otimismo da vontade*".

Produtos do *Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde da Fiocruz* e do *Centro Colaborador em Diplomacia da Saúde Global e Cooperação Sul-Sul da OMS/OPS na Fiocruz*, os *Cadernos* e os *Seminários Avançados* são tributos que prestamos a tais posições. Queremos sempre sua companhia. Boa leitura!

Rio de Janeiro, Manguinhos, 2 de abril de 2026

Paulo M. Buss, Erica Kastrup e Fabiane Gaspar
Editor e editoras-associadas
Cadernos Fiocruz de Saúde Global e Diplomacia da Saúde

